



Floresta de signos

ANTONIO CARLOS ALVIM

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2019





Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Fernando Abreu

IMAGEM CAPA: Pixabay.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A475f ALVIM, Antonio Carlos. –
Floresta de signos / Antonio Carlos Alvim. – Guaratinguetá,
SP: Penalux, 2019.
60 p.: 18 cm.

ISBN: 978-85-5833-553-9

1. Poesia I. Título.

CDD: B869-1

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

POESIA INSURGENTE E INSTIGANTE

Antonio Carlos Alvim já era um poeta pronto quando se juntou à Akademia dos Párias, grupo surgido nos corredores da Universidade Federal do Maranhão em meados da década de 1980. Em comparação à maioria de nós, apresentava uma poesia madura e consciente de suas possibilidades. Versado em Walt Whitman, com quem dialogava abertamente, nos apresentou o bardo estadunidense. E ainda por cima era sobrinho de Ferreira Gullar. Credenciais, portanto, não lhe faltavam.

Cerca de trinta anos se passaram e agora tenho a alegria de poder dizer algumas palavras sobre sua estreia em livro. Não se trata de uma estreia tardia, porque as coisas acontecem quando e como podem acontecer. Diria, sim, esperada, e muito, por dezenas de pessoas que o admiram desde aqueles heroicos tempos boêmios.

Daquele tempo, por sinal, é boa parte dos poemas dessa coletânea, a exemplo da primorosa série que

abre o livro, inspirada na cidade histórica de Alcântara. Foi graças a poemas como esses que Antonio Carlos Alvim ganhou o respeito não apenas de seus companheiros de viagem, a bordo da lindamente insensata nau dos “párias”, mas de todos quantos tiveram a oportunidade de conhecê-los e olhos vivos o bastante para apreciá-los.

Seria lamentável que essa produção (parte dela chegou a sair em um livrinho artesanal de alcance limitado) ficasse para sempre confinada em algum lugar do passado. Por isso, essa estreia faz justiça não somente ao artista, mas às centenas de leitores que de outra forma ficariam privados do contato com uma poesia que tem, sim, muito o que dizer nesse aqui e nesse agora.

É tocante para quem viveu aqueles anos reler esses poemas, que surgem renovados em sua força. Enfeixados lado a lado, eles vibram em cada página, ao lado de poemas mais recentes aos quais se irmanam para compor um conjunto que é impossível ler sem envolvimento. Uma visão nutrida no sentimento e na investigação dos mistérios da existência.

Antonio Carlos Alvim vem nos dizer que não perdemos o sentimento do mundo, apesar de todas as provas forjadas em contrário. Nesse sentido é um insurgente, muito mais que um sobrevivente. Uma in-

surgência lírica, filosófica e amorosa em favor da poesia e da vida, em todos as esquinas do mundo onde quer que elas se cruzem.

Fernando Abreu é poeta, autor de *Contra todo alegado endurecimento do coração* e *Manual de Pintura Rupestre*, entre outros.



ANDARES EM ALCÂNTARA

PRIMEIRO PASSO

TAPUITAPERA

Tapuitapera perdeu

o nome.

Seus habitantes, os Tapuias

ou “cabelos compridos”,

foram escravizados

pelos invasores.

Essa região

desde 1618,

passou a se chamar

Santo Antônio

de Alcântara

Dos “cabelos compridos” que nos deram

o revolucionário

índio

Amaro

se levantando contra

o dominador

só restam lembranças

SEGUNDO PASSO

O poeta alcantareense
Tulio Beleza
em 1941,
dentro de sua cosmogonia poética
confirmou a decadência de sua terra natal
– já atestada anteriormente por
George Gardner em 1855 – parece
que num estado de graça
para com a desgraça:

“negras ossadas
de soberbos prédios”

O poeta foi cantando sua época
sem esquecer que esse
“imenso povo”,
no passado,
desfilava “sedas da Europa”
na Rua Grande
indo em direção à
Rua Direita,
passando pelo Colégio Inácio Raposo
onde Wilson Cerveira,
outro literato,
aprendeu as primeiras letras
que viriam a confeccionar

O Drama de Alcântara,
relatando
“os episódios que ocorreram em Tapuitapera,
denunciando-os
para uma geração
futura”.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em agosto de 2019.
